

Caminhos e percursos da História em Administração: um chamado à reflexão sobre o tempo e a construção do presente

Sérgio Wanderley

Amon Barros

Alessandra de Sá Mello da Costa

Alexandre de Pádua Carrieri

Como trabalhar com a história sem ser historiador? Quais são as fronteiras que podem ser delineadas entre diferentes áreas? A proposta deste dossiê temático teve por objetivo abrir espaço para discussões que contemplem a importância, as contribuições e os desafios da aproximação entre História, Memória e Administração. A ideia foi contribuir com o crescente esforço de pesquisadores que buscam em suas pesquisas superar o caráter ainda a-histórico da área.



promovendo reflexões críticas e interdisciplinares a partir da utilização de diferentes epistemologias, metodologias historiográficas e fontes documentais.

Traçar uma aproximação entre a Administração e a História é tarefa árdua. No entanto, mais difícil ainda é definir o início desta aproximação uma vez que qualquer delimitação correria o risco de ignorar correntes de análise e grupos estabelecidos que, ainda que de forma implícita, inserem aspectos históricos no centro de suas reflexões sobre a administração e as organizações. Todavia, gostaríamos de mencionar, no Brasil, os trabalhos pioneiros dos grupos Administração Brasileira (ABRAS) e Núcleo de Estudos Organizacionais (NEOS).

O primeiro há mais de vinte anos investiga as contribuições dos autores do pensamento social brasileiro, ou "Intérpretes do Brasil", para a compreensão do fenômeno organizacional (MARTINS *et al.*, 2013). O grupo NEOS da UFMG vem formando e articulando pesquisadores que atuam com interesse no cotidiano e na história, especificamente com o método de história de vida e na construção de narrativas. Os pesquisadores do NEOS têm trabalhado temas que evidenciam uma insurreição de saberes sujeitados pelo *mainstream* da Administração, comumente desqualificados ao longo da história. O grupo se preocupa com os saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados e, portanto, contra os discursos unitários e universais de uma história só.

Mais recentemente, outros grupos começam a surgir buscando consolidar um movimento de pesquisa compartilhada entre pesquisadores da área de Estudos Organizacionais e da área de História. Esse é o caso do grupo Pesquisa Histórica em Administração, da PUC-Rio, que busca tanto utilizar fontes e acervos históricos em suas pesquisas quanto problematizar a sua utilização estratégica por empresas e organizações como forma de legitimar o resgate de uma trajetória histórica específica. Na Unigranrio, um grupo de pesquisadores procura investigar a história não contada da educação em Administração no Brasil e de suas disciplinas por meio de novas fontes e novas abordagens. Nessa edição contamos com um exemplar dessas investigações, o segundo artigo aqui publicado. Essas pesquisas se inserem na discussão mais ampla efetuada por esse grupo em torno dos binômios Passado-História e Memória-Esquecimento.

Já no exterior, é possível afirmar que nos últimos dez anos aumentou o número de trabalhos que fazem um esforço explícito para construir as pontes entre as duas áreas. Periódicos prestigiosos lançaram números especiais discutindo a temática ou os usos potenciais da história por pesquisadores na área de administração (GODFREY; HASSARD; O'CONNOR; ROWLINSON; RUEF, 2016; MILLS; SUDDABY; FOSTER; DUREPOS, 2016).

Os usos da história e o potencial da construção de narrativas também passaram a ser analisados de forma mais intensa. Alguns autores veem a produção de narrativas até como uma fonte potencial para produção de vantagem competitiva por parte de empresas e de outras organizações (KROEZE; KEULEN, 2013; SUDDABY; FOSTER; TRANK, 2010).

Assim, é possível dizer que o chamado de Clark e Rowlinson (2004), e reiterado em 2006 com o estabelecimento do periódico *Management & Organizational History* (BOOTH; ROWLINSON, 2006), para que os pesquisadores da área aprofundassem pesquisas cujos temas eram a história e a gestão, foi parcialmente atendido (GODFREY *et al.*, 2016), ainda que, não necessariamente, tenha promovido a inclusão de histórias e teorias de outras geografias que não sejam a anglo-saxônica.

Ao mesmo tempo, no Brasil a pesquisa também remonta a diversas correntes que estruturam suas discussões em torno da história, como por exemplo, autores marxistas (GURGEL; JUSTEN, 2015). Mas, também é possível dizer que neste século houve um aumento no interesse em discutir especificamente as contribuições que a história poderia dar ao campo (COSTA; BARROS; MARTINS, 2010; CURADO, 2001; FERREIRA, 2010). Também foram publicados textos que buscavam entender as especificidades da academia nacional, o desenvolvimento da administração no país e o estabelecimento de suas práticas nos setores público e privado

(ALCADIPANI; BERTERO, 2014; BARROS, 2014; CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014; COELHO; NICOLINI, 2014; WANDERLEY, 2015).

Devemos lembrar, entretanto, que tais discussões não são exatamente novas, já que estes temas perpassaram as preocupações de vários outros trabalhos anteriormente (e. g. FISCHER, 1984; SILVA, 1958; STORCK, 1983). O que as diferencia destas últimas é uma tentativa mais direta de construir as pontes entre administração e aspectos históricos, incluindo o cotidiano (BARROS; CARRIERI, 2015).

Em suma, podemos afirmar que o interesse em temas históricos ou abordagens históricas construindo teorias organizacionais não são elementos novos no horizonte da Administração. Entretanto, nos últimos dez anos tal aproximação recebeu maior atenção, maior aprofundamento a fim de delinear as afinidades entre os campos e, talvez, estabelecer outra teoria das organizações, mais sensível à dimensão histórico-temporal-espacial.

Diversos autores delineararam as características da pesquisa histórica no campo, especialmente mapeando as formas de integração entre os campos (ROWLINSON; HASSARD; DECKER, 2014; ÜSDIKEN; KIESER, 2004). Estes textos são importantes, na medida em que ao falar de espaço ajudam a criá-los. Contudo, correm o risco de simplificar as possibilidades de integração e instrumentalizar a história para a

área de administração, reiterando o risco de não haver uma virada histórica de fato, mas a reiteração das posturas chamadas por Üsdikem e Kieser (2004) de suplementarista (DECKER, 2016). Sobretudo, ao classificarem as formas de aproximação entre administração e história (ROWLINSON; HASSARD; DECKER, 2014), e ao se fixarem na discussão de metodologias para promover a pesquisa historiográfica (ROWLINSON; HASSARD, 2013), terminam por criar limites que inibem a investigação sob outros ângulos. Por exemplo, ao buscarmos diálogo com as propostas advindas da virada histórica – ainda anglo-saxônica mesmo que promovida por uma corrente crítica – podemos nos ver compelidos a utilizar autores como Foucault ou a teoria ator-rede por serem eles mais facilmente aceitos (MIR; MIR, 2013).

Lançamos essa chamada na Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade com o objetivo de desafiar esses limites impostos pela virada história – anglo-saxônica – para “abrir espaço para discussões que contemplem a importância, as práticas, as contribuições e os desafios da aproximação entre história, memória, cotidiano e administração”. Os trabalhos aqui selecionados representam reflexões teóricas e práticas a respeito de como promover o encontro entre Administração e História. Quatro trabalhos partem do campo da Administração para flertar com a história, ao passo que convidamos dois

trabalhos produzidos por historiadores que navegaram pela história de organizações.

O primeiro artigo, escrito por Renato Colomby, Amanda Peres, Fernanda Tarabal e Silvia da Costa com o título “A pesquisa em história de vida nos estudos organizacionais: um estudo bibliométrico”, faz uma análise interessante da produção em história de vida na área de Administração. O que se percebe é que embora haja uma discussão mais ou menos perene sobre o tema, este tipo de abordagem ainda não atingiu todo o seu potencial na área de Administração. Além disso, os autores contribuem com a discussão, na medida em que tentam elucidar as diferenças entre a história de vida de outras abordagens que, ainda que embasadas na memória dos sujeitos e na coleta de sua narrativa, tem focos de análise distintos. Os autores concluem indicando que a história de vida, para além de ser um método é também uma forma potencial de intervenção e que permite ao pesquisador e ao pesquisado refletirem sobre suas práticas e o lugar ocupado nas dinâmicas sociais.

O segundo artigo é de autoria de Marcelo Boschi, Denise Franca Barros e João Felipe R. Sauerbronn. No texto intitulado “A introdução da disciplina de marketing no Brasil: ‘uma linguagem comum que nos une’”, os autores abordam historicamente os primórdios do campo da disciplina de marketing no país. O

texto trata desde as instituições que antecederam o desembarque do marketing nos moldes estadunidenses no país, até a consolidação da disciplina após o estabelecimento da FGV-EAESP a partir dos anos 1950. Ao tomar uma das subáreas que compõem o campo como seu objeto de análise, o texto traz contribuições interessantes às discussões sobre a formação dos horizontes da grande área no Brasil. Esperamos que, com este acréscimo, não só debates sobre o desenvolvimento histórico do marketing no país, como de outras subáreas da administração possam ganhar atenção da academia.

No terceiro texto, “Teoria das relações humanas’ como ideologia na particularidade brasileira (1929-1963)”, os autores Elcemir Paço Cunha e Leandro Guedes fazem uma reflexão importante sobre o processo histórico de tradução de certas ideologias para a dimensão da prática. Os autores argumentam que ainda que temas e questões próprias à “teoria das relações humanas” possam ser percebidas no âmbito ideológico, no sentido mais próximo a discurso, estas ideias não conseguem se tornar força material. Ou seja: a ideologia está presente nas falas do empresariado e de seus intelectuais, mas não se torna presente nas práticas cotidianas e não impactam na vida dos trabalhadores. Os autores têm o mérito de utilizar o complexo conceito de ideologia para fazer uma análise sobre a recepção de ideias e formas de atuação do empresariado no país. A conclusão que chegam é que ainda que a “teoria das relações humanas” tenha circulado no

meio empresarial brasileiro, seu impacto para além da corporação multinacional foi reduzido, não tendo estas ideias assumido papel relevante na construção das relações capital-trabalho no país. É de se suspeitar que boa parte das teorias administrativas importadas padece das mesmas características, tanto no passado quanto contemporaneamente o que torna a discussão ainda mais interessante.

No quarto artigo, Adéle Carneiro, com o texto intitulado “Pode a área de estudos organizacionais ser historiográfica?”, nos convida a uma reflexão epistemológica sobre a aproximação entre História e Administração. Num artigo de posição, a autora indica que repleto de potencialidades, a aproximação entre os campos no país apresenta desafios, como a falta de contato dos pesquisadores de administração com as discussões da área da história e a dificuldade em se traduzir o chamado para uma virada histórica tanto nos temas de interesse locais quanto na linguagem do campo de estudos organizacionais. A autora conclui que, apesar da área precisar de mais história, há que se observar para que não se trivialize essa aproximação, buscando explorar ao máximo os potenciais que podem ser liberados pela aproximação das áreas e entendendo que, se tudo é história, nem tudo guarda potencial de contribuir com os debates acadêmicos e com a compreensão do social.

Nosso artigo convidado é de autoria de Gabriel Marinho, Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Gabriel é também cineasta e dirigiu o documentário “O Prólogo” em que investiga os filmes de curta metragem produzidos pelo Instituto de Planejamento Econômico e Social (IPÊS). O IPÊS foi fundado em 1962, logo após a subida de João Goulart ao poder, e foi patrocinado por empresários nacionais e estrangeiros. Gabriel resgatou treze desses filmes que estão disponíveis no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro. Por meio dos filmes e das entrevistas com indivíduos ligados à produção dos mesmos, Gabriel procura investigar a produção de sentidos pelo IPÊS. O artigo aqui publicado deriva tanto do documentário como de sua dissertação de mestrado. Esses ‘sentidos’ tinham forte cunho anticomunista e serviram como apoio ao golpe de 1964. O trabalho do Gabriel, além de ressaltar a importância dos arquivos, explora uma importante fonte histórica que são os documentários de época. Como todo texto da área de história, o artigo está acompanhado de notas explicativas, que mantivemos para preservar sua identidade.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, R.; BERTERO, C. O. Uma escola norte-americana no ultramar? Uma historiografia da EAESP. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 54, n. 2, 154-469, mar./abr. 2014.

BARROS, A. Uma narrativa sobre os cursos superiores em Administração da FACE/UFMG: dos primeiros anos à sua unificação em 1968. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 7-25, jan./mar. 2014.

BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 151-161, mar./abr. 2015.

BOOTH, C.; ROWLINSON, M. Management and organizational history: prospects. *Management & Organizational History*, London, v. 1, n. 1, p. 5-30, 2006.

CARRIERI, A. P.; PERDIGÃO, D. A.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista de Administração*, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 698-713, out./dez. 2014.

CLARK, P.; ROWLINSON, M. The treatment of history in organisation studies: towards an "historic turn"? *Business History*, London, v. 46, n. 3, p. 331-352, July 2004.

COELHO, F. S.; NICOLINI, A. M. Revisitando as origens do ensino de graduação em administração pública no Brasil (1854-1952). *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 48, n. 2, p. 367-388, mar./abr. 2014.

COSTA, A. S. M.; BARROS, D. F.; MARTINS, P. E. M. Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 50, n. 3, p. 288-299, jul./set. 2010.

CURADO, I. Pesquisa historiográfica em administração: uma proposta metodológica. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXV, 2001, Campinas. Anais... Campinas: ANPAD, 2001.

DECKER, S. Paradigms lost: Integrating history and organization studies. *Management & Organizational History*, London, v. 11, n. 4, p. 364-379, Dec. 2016.

DREIFUSS, R. A. 1964: a conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981.



CAMINHOS E PERCURSOS DA HISTÓRIA EM ADMINISTRAÇÃO:
UM CHAMADO À REFLEXÃO SOBRE O TEMPO E A CONSTRUÇÃO DO PRESENTE

FERREIRA, F. V. Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 37-47, jan./mar. 2010.

FISCHER, T. Administração pública como área de conhecimento e ensino: a trajetória brasileira. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 278-288, out./dez. 1984.

GODFREY, P. C.; HASSARD, J.; O'CONNOR, E. S.; ROWLINSON, M.; RUEF, M. What is organizational history? Toward a creative synthesis of history and organization studies. *Academy of Management Review*, Briarcliff Manor, v. 41, n. 4, p. 590-608, Oct. 2016.

GURGEL, C.; JUSTEN, A. Teorias organizacionais e materialismo histórico. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 22, n. 73, p. 199-222, abr./jun. 2015.

KROEZE, R.; KEULEN, S. Leading a multinational is history in practice: the use of invented traditions and narratives at AkzoNobel, Shell, Philips and ABN AMRO. *Business History*, London, v. 55, n. 8, p. 1265-1287, Oct. 2013.

MARTINS, P.; GURGEL, C.; LIMA, D.; DARBILLY, L.; JUSTEN, A.; SANTOS, C. Referência aos clássicos interpretativos do Brasil no pensamento acadêmico contemporâneo sobre administração pública. In: GURGEL, C.; MARTINS, P. E. M. (Org.). Estado, organização e pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: UFF, 2013. p. 13-40.

MILLS, A. J.; SUDDABY, R.; FOSTER, W. M.; DUREPOS, G. Re-visiting the historic turn 10 years later: current debates in management and organizational history – an introduction. *Management & Organizational History*, London, v. 11, n. 2, p. 67-76, Mar. 2016.

MIR, R.; MIR, A. The colony writes back: organization as an early champion of non-Western organizational theory. *Organization*, London, v. 20, n. 1, p. 91-101, 2013.

ROWLINSON, M.; HASSARD, J. S. Historical neo-institutionalism or neo-institutionalist history? Historical research in management and organization studies. *Management & Organizational History*, London, v. 8, n. 2, p. 111-126, Apr. 2013.

ROWLINSON, M.; HASSARD, J.; DECKER, S. Research strategies for organizational history: a dialogue between historical theory and organization theory. *Academy of Management Review*, Briarcliff Manor, v. 39, n. 3, p. 250-274, July 2014.



SILVA, B. Gênese do ensino de administração pública no Brasil. Cadernos de Administração Pública, Rio de Janeiro, n. 49, 1958.

STORCK, V. Notas para a história da administração brasileira: origens e desenvolvimento. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 57-62, jul./set. 1983.

SUDDABY, R.; FOSTER, W. M.; TRANK, C. Q. Rhetorical history as a source of competitive advantage. advances in strategic management. In: BAUM, J. A. C.; LAMPEL, J. (Ed.) The globalization of strategy research. Bingley: Emerald, 2010. p. 147-173.

ÜSDIKEN, B.; KIESER, A. Introduction: History in organisation studies. Business History, London, v. 46, n. 3, p. 321-330 July 2004.

WANDERLEY, S. E. P. V. Desenvolvimento, descolonialidade e a geohistória da Administração no Brasil: A atuação da CEPAL e do ISEB como instituições de ensino e pesquisa em nível de pós-graduação. 2015. xxx f. Tese (Doutorado em Administração) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getulio Vargas, 2015.

Caminhos e percursos da História em Administração: um chamado à reflexão sobre o tempo e a construção do presente

Resumo

Apresentamos aqui o texto de abertura desse dossiê temático que tem por objetivo abrir espaço para discussões que contemplem a importância, as práticas, as contribuições e os desafios da aproximação entre história, memória, cotidiano e administração. Desta maneira procuramos desafiar os limites impostos pela chamada virada histórica, de viés anglo-saxônico, nos estudos organizacionais e administração. Os quatro trabalhos aqui selecionados representam reflexões teóricas e práticas a respeito de como promover o encontro entre administração e história. Além desses textos, trazemos um artigo convidado que fala sobre a construção de narrativas em torno do Instituto de Pesquisas Econômica e Sociais (IPÊS), e uma entrevista com uma doutora em história que discorre sobre o uso de fontes de pesquisa.

Palavras-chave

Cotidiano. Espaço-tempo. História. Memória. Narrativas.



Paths and trajectories of administration history: a call to reflection on time and the construction of the present

Abstract

We present here the opening text of this thematic dossier that aims to open space for discussions that contemplate the importance, the practices, the contributions and the challenges of the approximation between history, memory, daily life and administration. In this way we try to challenge the limits imposed by the so-called historical turn of Anglo-Saxon bias in organizational studies and administration. The four papers selected here represent theoretical and practical reflections on how to promote the encounter between administration and history. In addition to these texts, we bring an invited article that talks about the construction of narratives around the Institute of Economic and Social Research (IPES), and an interview with a doctor in history that discusses the use of research sources.

Keywords

Daily life. Space-time. History. Memory. Narratives.



Caminos y vías de la historia de la administración: una llamada a la reflexión sobre el tiempo y la construcción del presente

Resumen

Ese es el texto inicial de este dossier temático que tiene como objetivo hacer espacio para las discusiones que abordan la importancia, las prácticas, las contribuciones y los retos de acercamiento entre la historia, la memoria, la vida cotidiana y la administración. De esta manera buscamos desafiar los límites impuestos por el llamado punto de inflexión histórico, de sesgo anglosajón, en los estudios de organización y gestión. Los cuatro artículos seleccionados aquí representan reflexiones teóricas y prácticas sobre cómo promover el encuentro entre la administración y la historia. Además de estos textos, traemos un artículo invitado acerca de la construcción de narrativas en torno del Instituto para la Investigación Económica y Social (IPES), y una entrevista con una doctora en historia que analiza el uso de fuentes de investigación.

Palabras clave

Vida cotidiana. Espacio-tiempo. Historia. Memoria. Narrativas.



Autoria

Sérgio Wanderley

Doutor em Administração pela Fundação Getúlio Vargas. Professor Adjunto da Universidade do Grande Rio. E-mail: sergiow.gaz@terra.com.br.

Amon Barros

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Assistente da Fundação Getúlio Vargas. E-mail: amon.barros@fgv.br.

Alessandra de Sá Mello da Costa

Doutora em Administração pela Fundação Getúlio Vargas. Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: alessandra.costa@iag.puc-rio.br.

Alexandre de Pádua Carrieri

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: alexandre@face.ufmg.br.

Endereço para correspondência

Sergio Wanderley. Universidade do Grande Rio, Programa de Pós-Graduação em Administração. Rua da Lapa, 86, Centro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 22253-900. Telefone: (+55 21) 32194040.

Como citar esta contribuição

WANDERLEY, S.; BARROS, A.; COSTA, A. S. M.; CARRIERI, A. P. Caminhos e percursos da História em Administração: um chamado à reflexão sobre o tempo e a construção do presente. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 8, p. 832-851, dez. 2016.

Contribuição Submetida em 20 fev. 2017. Aprovada em 21 fev. 2017. Publicada online em 3 mar. 2017. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editores Especiais: Sérgio Wanderley, Amon Barros, Alessandra de Sá Mello da Costa e Alexandre de Pádua Carrieri.

